

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

Takuo Yuasa direcção musical

26 Nov 2021 · 21:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Maestro Takuo Yuasa sobre o programa do concerto.  
Vimeo . COM/649555022

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## **Antonín Dvořák**

*No Reino da Natureza*, op. 91 (1891; c.13min)

## **Bedřich Smetana**

*O Moldau*, poema do ciclo sinfónico *A Minha Pátria* (1874; c.14min)

## **Johann Strauss II**

*Contos dos Bosques de Viena*, op. 325 (1868; c.11min)

PAUSA TÉCNICA

## **Engelbert Humperdinck**

Excertos da ópera *Hänsel und Gretel* (1892; c.13min)

— Ária de Sandman — Oração da Noite — Pantomima do Sonho

## **Piotr I. Tchaikovski**

Suite de *O Lago dos Cisnes*, op. 20a (1876; c.21min)

1. Cena
2. Valsa
3. Dança dos cisnes
4. Cena e Finale

## Antonín Dvořák

NELAHOZEVES (BOÉMIA) 8 DE SETEMBRO DE 1841

PRAGA, 1 DE MAIO DE 1904

### **No Reino da Natureza, op. 91**

Em torno da década de 1880, Antonín Dvořák havia já conquistado bastante sucesso como compositor. Tinha inclusivamente realizado várias viagens a Inglaterra para apresentar uma série de concertos, com enorme receptividade, que viriam a contribuir largamente para a disseminação internacional da sua música, proporcionando-lhe ainda maior conforto financeiro. É por esta altura que compra a sua propriedade em Vysoká, aldeia onde passa as temporadas de Verão com a sua família, a compor em recolhimento e contemplação, e onde encontrará o espaço para escrever a abertura *No Reino da Natureza*. Com efeito, em 1891 começava a compor um ciclo de três aberturas de concerto, uma trilogia que deveria ter como título “Natureza, Vida e Amor” e que incluía *No Reino da Natureza*, op. 91, B. 168; a *Abertura Carnaval*, op. 92; e a *Abertura Otelo*, op. 93. Partilhando estas três aberturas uma visão abrangente da ideia de Natureza que envolvia também a condição humana, Dvořák inicialmente considerou que as peças deveriam ser tocadas em conjunto, mas acabaria por separá-las, dando-lhes um cunho individual mais próximo da ideia de poema sinfónico, pertinente até pelo carácter programático que encerram.

A estreia de *No Reino da Natureza* teve lugar em Praga, a 28 de Abril de 1892, com o próprio compositor a dirigir a orquestra, e foi dedicada à Universidade de Cambridge que lhe havia atribuído o doutoramento *honoris causa* pouco antes. Este acabaria por ser um dos últimos concertos que o compositor deu em cidades morávias e checas antes de

partir para os Estados Unidos, convidado para ensinar composição e dirigir o Conservatório Nacional de Música em Nova Iorque, onde viria a compor a *Sinfonia do Novo Mundo*.

*No Reino da Natureza* é composta em arco, em jeito de forma sonata, ainda que, mais do que os habituais temas contrastantes, encontremos nela campos temáticos com motivos musicais interligados. Obra de tom bucólico, de grande serenidade, assenta na tonalidade de Fá maior, tradicionalmente associada à Natureza desde obras como a Sinfonia “Pastoral” de Beethoven, e depois em Wagner e mesmo Mahler.

Com uma introdução suave e evocativa nos contrabaixos, a que se sobrepõe o tema (o “motivo da natureza”) juntamente com breves motivos nas flautas e nos oboés que nos remetem para o som do canto de pássaros, podemos observar que o tema principal, que passa pelos vários instrumentos, explora ao máximo a componente tímbrica, aludindo ao “halekacka”, canto de tradição folclórica típico das montanhas da Morávia. O desenvolvimento central é mais curto mas de carácter mais dramático, com uma progressão harmónica complexa e um tratamento contrapontístico mais intrincado. A secção de reexposição retoma, como seria de esperar, os temas iniciais, mas com um ambiente de tranquilidade que termina como começou, com um murmúrio que sustém o “tema da natureza”.

## Bedřich Smetana

LITOMYSL (BOÉMIA), 2 DE MARÇO E 1824

PRAGA, 12 DE MAIO DE 1884

### O *Moldau*

A obra *Má vlást* — “A Minha Pátria” — foi composta numa altura em que a saúde de Smetana começava a deteriorar-se em consequência da sífilis, facto que o faria retirar-se da direcção da Ópera de Praga. No final de 1874, ficaria completamente surdo, e mais tarde cego e com alucinações. Smetana não deixará, contudo, de compor e, até 1879, conclui um ciclo de seis poemas sinfónicos: *Vyšehrad* (sobre o castelo da ancestral monarquia); *Vltava* (*O Moldau*); *Šárka, Z českých luhů a hájů* (*Das florestas e bosques da Boémia*); *Tábor e Blaník* (andamentos relativos à batalha em que os heróis hussitas se refugiam na montanha Blaník). Obra de carácter nacionalista, inspirada em lendas, história e paisagens, *Má vlást* é um ciclo de poemas sinfónicos imbuído de espírito patriótico, em muito inspirado por Franz Liszt que tanto incentivara Smetana e lhe dera apoio nas suas primeiras publicações.

*O Moldau* foi terminado entre Novembro e Dezembro de 1874 e interpretado no ano seguinte, sendo provavelmente o andamento mais conhecido deste ciclo sinfónico que compreende em si muitas das temáticas caras ao Romantismo: a história medieval, a natureza, o sobrenatural. Assentando na tonalidade de Mi menor e numa forma rondó alargada, *O Moldau* usa da ideia de retórica musical para evocar o som de um dos maiores rios da Boémia. Figurativa, esta peça em oito secções, cujo programa foi definido pelo próprio compositor, procura descrever o curso do rio Moldava desde a sua nascente nos bosques cor “esmeralda” das montanhas da Boémia, através dos campos,

até chegar à cidade de Praga. Uma série de delicadas figuras musicais nas flautas, que se vão interligando entre si e passando sucessivamente para os violinos, as harpas e os clarinetes, representam as duas nascentes de água, uma quente e outra fria, que acabam por se juntar formando um rio possante que corre por entre os campos e a floresta, e que é simbolizado pela orquestra através do tema que recorre ciclicamente ao longo da obra. Nesta viagem, um pouco mais à frente, o rio passa por uma série de caçadores (representados pela trompa) e por um casamento aldeão em ritmos de polka, antes de entrar num desfileiro onde, reza a lenda, se banham ninfas ao luar quais “melodias misteriosas”. Quando amanhece, retorna fugaz o tema do rio que entra metaforicamente nos rápidos de São João, através de uma série de dissonâncias, chegando por fim a Praga, entre arpejos de um hino régio, e ao castelo Vyšehrad, representado por um motivo de quatro notas (que surgira já no primeiro e homónimo poema sinfónico deste ciclo). Depois de um decréscimo de intensidade, em *smorzando*, a peça e a viagem fecham com dois acordes, como que a desaguar finalmente no rio Elba.

## Johann Strauss II

VIENA, 25 DE OUTUBRO DE 1825

VIENA, 3 DE JUNHO DE 1899

### **Contos dos Bosques de Viena, op. 325**

Compositor, maestro e violinista, Johann Strauss II era o filho mais velho de Johann Strauss e irmão de Josef Strauss, com quem partilhou o sucesso vienense na música para os salões de baile. Verdadeiro símbolo do então Império Austro-Húngaro, responsável pelos Bailes da Corte de Viena, a família Strauss tornou-se famosa por ter elevado a música popular vienense oitocentista a um patamar de erudição que se demarcou até hoje, nomeadamente no que diz respeito à valsa, de que *No Belo Danúbio Azul* é possivelmente o exemplo mais célebre.

A valsa orquestral *Contos dos Bosques de Viena*, op. 325, foi composta em 1868, tendo sido estreada em Viena, no Verão desse mesmo ano, numa *soirée* no palácio do príncipe Constantin zu Hohenlohe-Schillingsfürst, dedicatário da obra. Mais do que apenas uma valsa, a obra assume contornos de poema sinfónico. Tal como o título indica, é inspirada pelos campos dos Wienerwald, uma série de bosques nas colinas alpinas em torno de Viena, uma zona de passeio e de recreação. A obra inclui solos para flauta e *zither* (cítara), frequentemente substituído em concerto pelo quarteto de cordas ou pela harpa, e que pretende aludir à música camponesa tradicional da Baixa Áustria.

A obra inicia com uma introdução calma e longa que remete para o tom pastoral e bucólico do seu programa, prosseguindo para uma segunda parte que abarca um solo de violino e que inclui material que ressurgirá nas subsequentes secções de valsa. Após uma curta *cadenza* na flauta, que nos lembra o canto dos pássaros e que antecede o solo de *zither*, em

ritmo de *ländler* — dança popular também em tempo ternário, mas mais lenta e arrastada que a valsa —, segue-se um *Vivace*, onde uma série de acordes na orquestra traz de novo o tema principal da valsa. À medida que nos aproximamos do final da peça, a cítara retornaria ainda para, por fim, dar lugar à orquestra em *tutti* e à conclusão estrepitosa na caixa-clara.

## Engelbert Humperdinck

SIEGBURG (ALEMANHA), 1 DE SETEMBRO DE 1854

NEUSTRELITZ, 27 DE SETEMBRO DE 1921

### Excertos da ópera *Hänsel und Gretel*

Nos finais de 1889, Adelheid Wette, irmã de Engelbert Humperdinck, ter-lhe-ia pedido para compor uma série de pequenas peças para acompanhar um teatrinho infantil de marionetes que pretendia encenar com as suas filhas no Natal, a partir do conto *Hänsel und Gretel* dos irmãos Grimm. A narrativa do libreto de Adelheid Wette era, contudo, um pouco mais “adocicada” do que a sinistra história de sobrevivência do conto original, baseado em recolhas populares de narrativas medievais, repletas de crueldade e miséria, bruxas e madrastas. Adelheid, inclusivamente, acrescenta-lhe duas personagens, o Sandman e a Fada, que acompanham e protegem as crianças. O libreto que, ainda assim, tem momentos assustadores para os mais jovens, tais como a rigidez dos pais, os perigos da floresta e a terrível bruxa, converte-se aqui numa história de superação e coragem.

Entusiasmado com o sucesso desta ocasião familiar, Humperdinck acabaria por expandir e desenvolver os seus temas para um *Singspiel* inicialmente apenas com acompanhamento de piano, e mais tarde para uma ópera em três actos. Terminada em 1892, a sua estreia teve lugar em Weimar, a 23 de Dezembro de 1893 sob a batuta de Richard Strauss, um dos primeiros defensores de *Hänsel und Gretel* que se lhe afigurava como “original, nova e autenticamente germânica”. O sucesso da crítica e do público foi de tal ordem que a obra teve dezenas de diferentes produções no seu primeiro ano, tendo ficado no repertório dos teatros de ópera desde então.

Humperdinck junta nesta ópera a escrita orquestral densa, o uso recorrente de *leitmotifs* e uma linguagem harmónica expressiva que transmite as emoções e as características das personagens e cria ambientes, numa linguagem que apreendera de Wagner, por quem nutria grande admiração. Humperdinck acrescentava ainda melodias apazíveis, muitas vezes de carácter infantil, que remetiam para canções populares e folclóricas. Logo no Prelúdio que introduz a ópera são apresentados os temas que se ouvirão ao longo da obra, caracterizados por melodias de grande lirismo sobre uma orquestração tipicamente romântica.

A selecção em programa insere-se no Acto II, antes de Hänsel e Gretel serem enredados pela bruxa, mas já perdidos numa floresta que evoca a grandiosidade da Natureza — a beleza, a escuridão, o perigo. Depois da “Ária de Sandman”, na “Oração da Noite” as crianças pedem aos seus anjos da guarda que os protejam durante o sono. Nesta secção, a música transmite uma atmosfera onírica fazendo, de certo modo, eco da oração com que tem início o *Parsifal* — a que Humperdinck assistira em 1881. “Oração da Noite”, que antecede a “Pantomima do Sonho”, tem início nas trompas e fagotes, expandindo-se de seguida para as cordas. Sendo central no contexto da ópera, esta peça com reminiscências de coral luterano mostra a ingenuidade das crianças, e a melodia que a suporta acompanha-nos ao longo de toda a ópera.

## Piotr I. Tchaikovski

VOTKINSK, RÚSSIA, 7 DE MAIO DE 1840

SÃO PETERSBURGO, 6 DE NOVEMBRO DE 1893

### Suite de *O Lago dos Cisnes*, op. 20a

*O Lago dos Cisnes* faz hoje parte incontornável da obra de Piotr I. Tchaikovski e do repertório da história da dança. Com libreto de Vladimir Begitche (então director do Bolshoi) e de Vasily Geltzer, tem origem remota nas fábulas de cavalaria germânicas e russas. Apesar dos poucos 800 rublos que recebera por esta encomenda, Tchaikovski compôs a obra com entusiasmo e empenho, entre 1875 e 1876. Pensada para o Teatro Bolshoi, em Moscovo, o bailado estreou a 4 de Março de 1877, com muito pouco sucesso dada a má concepção e interpretação coreográfica a cargo de Julius Reisinger. Sofrendo ainda muitas alterações musicais e coreográficas, o sucesso definitivo viria apenas com a emblemática coreografia de Marius Petipa (1895).

Na história d'*O Lago dos Cisnes*, o jovem Príncipe Siegfried apaixona-se por Odette, rainha dos cisnes, enfeitada pelo poder do mago Rotbart, e convida-a para o baile onde a pedirá em casamento. O maléfico Rotbart decide, contudo, levar ao baile a sua filha Odile, o cisne negro, transformada em Odette. Siegfried pede-a em casamento, quebrando o seu juramento, enquanto Odette, em forma de cisne, esvoaça desesperada. Siegfried apercebe-se do seu erro e segue Odette que, desolada, dança errante pela floresta até se afogar no lago. Siegfried prefere morrer a tentar salvá-la, anulando, com esta demonstração de amor, o terrível feitiço: os restantes cisnes, por fim, libertam-se, tornando-se de novo mulheres.

Com uma orquestração colorida e rica que confere um enorme fascínio a esta história de

amor trágica, repleta de inesquecíveis melodias de grande beleza e de ritmos impactantes, Tchaikovski recorre à técnica do *leitmotiv* como forma de descrever algumas personagens e ambientes, inspirando-se em Wagner, mas sobretudo em Adolphe Adam e na sua *Giselle*. Apesar de Tchaikovski, em 1882, ter decidido criar uma suite orquestral a partir do bailado que lhe permitiria uma utilização concertística, acabaria por deixar esse projecto por realizar, sendo esta selecção, catalogada como op. 20a, de autoria incerta.

A suite tem início com uma primeira Cena em que nos surge de imediato a famosa melodia no oboé acompanhado pela harpa, que associaremos ao longo da obra a Odette e aos seus cisnes, criando o ambiente em que a obra assenta — simultaneamente idílico, trágico e calmo. A Valsa que se segue representa o entretenimento com o grupo de companheiros de caçada. A *Dança dos Cisnes*, com início no fagote e conduzida de seguida pelo oboé, pertence já ao Acto II do bailado, tal como a Cena de Odette e do Príncipe, com ênfase no dueto entre o violino e a harpa. O *Finale*, que inicia com o tema de Odette, num tom de grande tensão, remete para o desfecho dramático em que a trompa assume a voz do herói, num preâmbulo para o amor eterno, além da própria vida.

ROSA PAULA ROCHA PINTO, 2021



## Takuo Yuasa direcção musical

Takuo Yuasa é um maestro altamente respeitado. Apresenta-se regularmente na Europa e no Extremo Oriente, e nas temporadas recentes dirigiu no Grand Théâtre de Aix-en-Provence, no Royal Festival Hall e no Barbican Centre de Londres, na Konzerthaus de Viena, na Alte Oper de Frankfurt, no Liederalhalle de Estugarda e no Sibelius Hall em Lahti (Finlândia). Nasceu em Osaka, onde estudou piano, violoncelo, flauta e clarinete, mas está profundamente imbuído da cultura ocidental. Deixou o Japão com apenas 18 anos para estudar nos Estados Unidos da América, diplomando-se em Teoria e Composição na Universidade de Cincinnati. Mudou-se depois para a Europa, estudando direcção com Hans Swarowsky na Escola Superior de Música de Viena – sob recomendação de Istvan Kertesz e Janos Starker –, Igor Markevich em França e Franco Ferrara em Siena. Trabalhou então como assistente de Lovro von Matatic em Monte Carlo, Milão e Viena.

Desde a conquista do Prémio Especial no Concurso Internacional de Direcção de Fitelberg em Katowice (Polónia), tem dirigido frequentemente as principais orquestras polacas, entre as quais a Filarmónica de Varsóvia e as Sinfónicas da Rádio Polaca. A sua versatilidade leva orquestras de todo o mundo a convidá-lo para dirigir tanto o repertório corrente como obras mais obscuras de grandes compositores. Foi Maestro Titular da Orquestra Sinfónica Gumma no Japão e Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica Escocesa da BBC e da Orquestra do Ulster na Irlanda do Norte, com múltiplas renovações de contrato em ambas as orquestras.

Colaborou recentemente com as Filarmónicas de Estrasburgo e Bruxelas, a Orquestra Nacional de França, a Sinfónica do Porto Casa

da Música, a Sinfónica Aarhus e as principais orquestras japonesas, incluindo as Filarmónicas do Japão e de Osaka, a Nova Filarmónica do Japão e a Sinfónica Metropolitana de Tóquio. Dirigiu ainda as Filarmónicas de Oslo, Londres, Hong Kong, Luxemburgo, Varsóvia e Real Flaminga; as Sinfónicas de Sidney, Nova Zelândia, Adelaide e Queensland; a Orquestra da Rádio Norueguesa e a Brabants Orkest. No Reino Unido tem dirigido frequentemente a Orquestra Hallé, a Orquestra Real Escocesa, a Filarmónica Real de Liverpool, a Sinfónica Nacional de Gales/BBC e a Sinfónica de Bournemouth. As suas qualidades musicais e de liderança têm-no levado a trabalhar com diversos conservatórios de música da Europa e orquestras nacionais de jovens da Escócia, da Irlanda do Norte e da Irlanda.

Takuo Yuasa é artista Naxos, com registos com as Sinfónicas de Sidney e da Nova Zelândia, a Orquestra do Ulster, a Sinfónica Escocesa da BBC e a Sinfónica Nacional da Irlanda, entre outras. Tem sido alvo de óptimas críticas numa gama ampla de repertório que abrange obras de Rimski-Korsakoff, Britten, MacMillan e Rawsthorne, Webern e Schoenberg, Honegger, Vieuxtemps, MacDowell, Schubert, Pärt, Górecki, Glass e Nyman, a que junta um grupo de compositores japoneses emergentes como Matsumura, Mayuzumi, Ohki, Bekku, Yashiro, Moroi, Akutagawa e Yamada. Gravou ao vivo as integrais das sinfonias de Brahms e Schumann com a Osaka Century Orchestra, editadas em CD no Japão.

Em 2007 recebeu o Prémio Cultural Iue (instituído por Toshio Iue, fundador da Sanyo), pela sua contribuição excepcional para a música e pelos seus feitos artísticos internacionais. É Professor Emérito da Universidade de Belas-Artes e Música de Tóquio.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Christian Zacharias** maestro convidado principal

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, estando programada para 2021 a sua primeira actuação na emblemática Philharmonie de Colónia. Ainda este ano, apresenta um ciclo dedicado às sinfonias de Sibelius e novas encomendas da Casa da Música aos compositores Luca Francesconi, Francesco Filidei e Carlos Lopes.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de

Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020) e Peter Eötvös (2021), além de obras de compositores portugueses e da integral dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

**Violino I**

Martyn Jackson  
Álvaro Pereira  
José Despujols  
Maria Kagan  
Tünde Hadadi  
Vladimir Grinman  
Emília Vanguelova  
Vadim Feldblioum  
Andras Burai  
Alan Guimarães  
Roumiana Badeva  
Pedro Carvalho\*

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
Lilit Davtyan  
José Paulo Jesus  
Karolina Andrzejczak  
Pedro Rocha  
Francisco Pereira de Sousa  
Mariana Costa  
Paul Almond  
Domingos Lopes  
Nikola Vasiljev

**Viola**

Mateusz Stasto  
Hazel Veitch  
Luís Norberto Silva  
Francisco Moreira  
Biliana Chamlieva  
Emília Alves  
Theo Ellegiers  
Jean Loup Lecomte

**Violoncelo**

Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Michal Kiska  
Sharon Kinder  
Hrant Yeranosyan  
Aaron Choi

**Contrabaixo**

Rui Rodrigues  
Tiago Pinto Ribeiro  
Joel Azevedo  
Slawomir Marzec

**Flauta**

Paulo Barros  
Alexander Auer  
Angelina Rodrigues

**Oboé**

Tamás Bartók  
Telma Mota\*  
Roberto Henriques

**Clarinete**

Carlos Alves  
João Moreira  
Tiago Tavares Abrantes\*

**Fagote**

Gavin Hill  
Robert Glassburner

**Trompa**

José Bernardo Silva  
José Pedro Bola\*  
Hugo Carneiro  
Bohdan Sebestik

**Trompete**

Ivan Crespo  
Luís Granjo  
Rui Brito  
José Almeida\*

**Trombone**

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Nuno Martins

**Tuba**

Aoi Koya\*

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
André Dias\*

**Harpa**

Iliaria Vivan

\*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

